

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 18 de junho de 2014

*Texto de referência: Julián Carrón, “Correndo para alcançá-Lo”,
livreto dos Exercícios da Fraternidade 2014, págs. 15-44.*

- *Romaria*
- *Non Nobis*

Glória

Carrón: Vamos continuar o trabalho sobre a primeira meditação dos Exercícios da Fraternidade. Leio um e-mail que chegou: “O pedido mais urgente para mim é o de voltar a ver Cristo na minha vida, ou melhor, decidir revê-Lo. Encontrei o Movimento há cerca de dez anos e sei o que significa ter alguém comigo, que me acompanha, me guia, me sustenta. No entanto, ultimamente, não consigo me entregar a Ele. Isso que estou lhe dizendo me causa muita dor e me dá muito medo, não tanto por uma questão moralista, mas porque vejo na minha experiência que algo mudou. De uma pessoa radiante que era, passei a ser constantemente melancólica; de alguém que olhava para tudo de um modo diferente e com gratidão, transformei-me em alguém que agora experimenta apenas rancor e raiva por aquilo que acontece à sua volta; de uma pessoa que estava sempre aberta a ouvir os outros e a falar de si, a uma pessoa fechada, melindrosa e excessivamente orgulhosa. Como diz a citação de Giussani feita nos Exercícios da Fraternidade, no ponto três do sábado de manhã: Se estamos assim vencidos, como poderemos vencer? [...] É preciso que venha alguém de fora – *tem de vir de fora* – e que diante desta nossa casa derrubada refaça as paredes. [...] Aqui reside a dificuldade maior em relação [...] ao cristianismo autêntico: é através de *outra coisa* – que vem de fora – que o homem se torna si mesmo [...]. [Mas isto] ‘não me agrada’, porque faz entrar, dá hospitalidade a algo que não corresponde à nossa imaginação e a uma nossa imagem de experiência, que parece abstrato na sua pretensão”. “Esta ‘outra coisa’, Cristo, parece-nos abstrata. E dado que nos parece abstrato, para responder à urgência de mudar, de construir, prende-nos [...] numa aspiração impotente a remediar ou *numa pretensão fraudulenta*, mentirosa, quer dizer: *identifica-se o remédio com a própria imagem e vontade de remediar*” (p. 32). E é exatamente isso que está acontecendo comigo. Mas o que me dói mais é que eu não me mexo, não consigo dar um passo adiante para remediar uma vida que está se tornando completamente achatada e que já não me deixa surpreender-me, alegrar-me, rir e orgulhar-me dela. Essa espécie de limbo está me sufocando de um modo que me sinto prisioneira de mim mesma. Então, lhe pergunto: por que, ao invés de seguir o meu verdadeiro bem, passo por um caminho que me leva só à inquietude? O que significa realmente quando Dom Giussani diz que Deus permite tudo o que acontece para o amadurecimento daqueles que escolheu? Obrigada por despertar sempre o meu eu adormecido”. O que essa pessoa disse impressiona, porque mostra o que é essencial para viver. Porque, quando falta o essencial, prevalecem a dor e o medo, a pessoa radiante torna-se apagada, passa-se da gratidão à raiva e ao rancor e, de aberta, torna-se fechada. É tão essencial, que a vida muda de feição. Não é essencial porque fazemos um discurso sobre o essencial; é essencial porque a vida muda de feição, Cristo (diferente do que pensamos) é tão concreto e essencial que muda a feição da vida. E quando não estamos disponíveis a isso, o que acontece? Essa é a nossa pobreza, no sentido mais autêntico do termo: “Se estamos assim vencidos, como poderemos vencer? [...] É preciso que venha alguém de fora”. Mas, muitas vezes, não estamos disponíveis a isso e, então, identificamos – diz Giussani – a solução com uma imagem: “*Identifica-se o remédio com a própria imagem e vontade de remediar*”. No entanto, é fácil: quando se reconhece Cristo, não é necessário inventar qualquer imagem, basta simplesmente seguir com simplicidade e, então, se verifica aquilo que ela descreveu como positivo; e quando isso não acontece, tudo muda de feição e torna-se negativo. A presença de Cristo é tão real, embora misteriosa, que, quando não é reconhecida, “quando isso não acontece, fico completamente achatada, incapaz de me surpreender, de me alegrar, e

tudo se torna achatado, um limbo que sufoca”. Por que isso é para o nosso amadurecimento? Porque a pessoa pode até se afastar, mas, naquele momento, realmente se dá conta de qual é a natureza da sua necessidade. E quando a pessoa se deu conta de que ela não pode “erradicar” a natureza da necessidade, não pode resolver a sua necessidade, percebe ainda mais que o belo que acontece na vida é gerado pelo reconhecimento de Cristo. Todos temos experiência disso, senão nenhum de nós estaria aqui. E por que isso é útil para o nosso amadurecimento? É útil porque ela, agora, sente a urgência de voltar a ver Cristo na vida, ou melhor, “decidir revê-Lo”, porque passa pela própria liberdade. Podemos nos prender, agarrar-nos a uma imagem de como deve ser a vida e de como a vida deva se resolver, e essa imagem não ser capaz de nos fazer mudar porque é uma imaginação, é fumaça, igual a nada, não tem qualquer capacidade de mudança e de novidade. Bastaria simplesmente seguir aquilo que acontece. Seguir a minha imagem me sufoca; seguir o lugar onde isso me aconteceu e continua a acontecer me gera (tanto é verdade que ela se sente despertada no seu “eu adormecido” exatamente por um lugar). Basta seguir e aceitar a modalidade – que não sou que decido! – através da qual o Mistério tem piedade do meu nada.

Colocação: *Fiquei muito marcada pela última Escola de Comunidade e vou tentar dizer quais foram as coisas que me tocaram no último encontro e que verifiquei neste mês.*

Carrón: Já lhe agradeço por essa primeira frase: “As coisas que me tocaram no último encontro e que verifiquei neste mês”. Se esse não for o método da Escola de Comunidade, não esperem ser mudados por ela. Na semana passada, retomando o quinto capítulo de *Na origem da pretensão cristã* (Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2012), me marcou uma frase na qual Giussani diz: “Uma definição deve dar forma a uma conquista já obtida, caso contrário não passaria da imposição de um esquema” (p.90). Então, a Escola de Comunidade são sugestões para conquistar, na experiência, aquilo que nos dizemos, do contrário, buscamos definições; e as definições não mudam a vida. Por isso, se alguém pensa que pode estar aqui apenas esperando uma nova definição e uma nova palavra de ordem para, depois, dizer por aí, não tenha nenhuma esperança de que alguma coisa mude, porque aquilo que muda a vida não é a repetição de uma definição, mas uma conquista que acontece na experiência. Se falta essa conquista, nem a participação na Escola de Comunidade pode nos mudar. Por isso, lhe agradeço pelo início da sua colocação, que reposiciona todos nós diante desse fato. Por isso, lanço a vocês uma provocação: este ano, para que serviu a Escola de Comunidade? O que significou enquanto caminho? Em que mudou o meu modo de fazê-la? Para poder verificar se nós esperamos tudo de um milagre, ou de um caminho. Continue.

Colocação: *Eu disse que, na última vez, cheguei à Escola de Comunidade depois de ter tido uma conversa com uma pessoa que participa do Movimento há muito tempo, como eu, e que discordava do seu modo de conduzir o Movimento: “Dom Giussani nunca teria dito isso, nunca teria feito aquilo”. No início, defendi você, depois, num certo momento, lhe disse: “Desculpe, você que seguiu Dom Giussani durante tanto tempo, alguma vez o ouviu dizer ou o viu fazer alguma coisa que você esperava? E, por acaso, não o seguimos – eu e você – porque era sempre inimaginável? E por que, agora, deveria ser diferente? Por que, agora, você quer que o Movimento diga o que coincide com aquilo que você imagina? Não seria o fim? Por que você tem a pretensão de que Carrón diga o que você pensa, se a minha e a sua libertação é uma presença que nunca disse ou fez aquilo que pensamos?”. Enquanto voltava para casa, e pensava na conversa que tinha tido com essa pessoa, fiquei impressionada com o fato de ter entendido que aquilo que corresponde ao coração não corresponde – nunca! – à imaginação. E essa é a primeira dificuldade que enfrentamos. Por sorte, não corresponde à imaginação, porque seria um inferno! Cheguei à Escola de Comunidade naquela noite pensando nisso. Nesse período do ano (como todo mês de junho), sou dominada pelo cansaço, e facilmente sinto dificuldade, tristeza, irritação, ressentimento, é como se todas as cordas estivessem tensas. Durante a última Escola de Comunidade, impressionou-me perceber – não depois da irritação, depois da tristeza ou do cansaço, mas dentro – que Cristo é, na minha vida, uma imponência incomparável aos meus erros. Tanto é que, durante este mês, a frase que eu mais repeti foi: “Senhor, eu não sei como é, sei que Te amo”. Porque sou muito mais definida – na experiência,*

não a priori – pelo fato de Ele me ter tomado do que por todas as minhas rebeliões, porque no fim de tudo, a dor é uma saudade inextirpável de Alguém que conheço. E percebo que isso, talvez, não mude imediatamente o estado de ânimo, mas, dar-me conta disso, realmente é sempre uma libertação. Por isso, estremeci quando você, na última Escola de Comunidade, disse: “Cada embate da realidade, cada situação, cada solidão, cada desgraça, cada coisa, é como colocar gasolina no fogo, acende a saudade. [...] De fato, é outra coisa; o cristianismo é outra coisa!” (p. 4). E, depois, você leu a carta, que me iluminou, daquela menina que descrevia uma vida igual a que eu estava vivendo naqueles dias (e que também vivi neste mês)! Identifiquei-me com a frase que ela disse: “Nesse redemoinho, quase me esqueço de Jesus”. Então, você, fazendo um parênteses – e eu lhe agradeço, porque esse parênteses foi a experiência da libertação –, observava: “Quase: tudo está neste quase”, porque é verdadeiro, é imponente, não posso me esquecer dele. A outra coisa que me tocou demais na última Escola de Comunidade foi a passagem, que aconteceu naquela hora, de Maria Madalena e Zaqueu para o voto nas eleições europeias. E isso realmente me impressionou muito, porque percebi a diferença que existe, inclusive cultural e política, entre aplicar um discurso e viver essas ocasiões tendo dentro o véu daquele rosto. São dois mundos; e eu encontrei o segundo, não o primeiro. A última coisa que me tocou bastante foi que, retomando a primeira meditação dos Exercícios, reli muitas vezes a frase que você diz, fazendo um comentário sobre a música Ojos de cielo: “Para poder compreender essa frase, é preciso ter visto brilhar nos olhos de uma pessoa o Ser que a faz existir agora. Para que o inferno não se apague só sentimentalmente, é preciso que os olhos vibrem de uma maneira tal que não me deixem ficar na aparência da vibração, mas que eu seja impulsionado a ver, nessa vibração dos olhos, o Ser que os faz, que os faz vibrar assim” (p. 15). Então, eu lhe sou grata porque há uma coisa que Dom Giussani repetiu muitas vezes e que me voltou a mente ao ler a sua frase: “Mistério e sinal coincidem”. Há um modo de entender essa frase que é tirar de Cristo o mistério para não senti-lo; e há um modo de sentir, de viver essa frase que, longe de tirar de Cristo o mistério, enche cada coisa e cada pessoa de Mistério, preenche a realidade e a nossa companhia identificando-a com o aspecto mais agudo da realidade do Mistério. Até a nossa companhia nunca foi tão misteriosa para mim e, por isso, torna-se tão querida, exatamente porque tão misteriosa, porque somente o Mistério é a minha salvação, enquanto que me parece que o inferno seja permanecer na aparência.

Carrón: Obrigado, porque somente se estamos disponíveis a seguir o lugar onde isso acontece, onde essa coincidência entre Mistério e sinal acontece, é possível que a vida mude de feição; mas, de novo, é preciso que isso não se reduza a uma frase, mas seja uma experiência. Ela falou sobre como se pode reduzir a frase “Mistério e sinal coincidem”: elimina-se o Mistério apagando-o da realidade de cada coisa. Porém, a nossa companhia é tão real e misteriosa exatamente porque oferece a cada um de nós aquilo que disse a nossa primeira amiga. Do que precisamos? Olhar para o lugar da nossa companhia desse modo, decidir revê-Lo, decidir reconhecê-Lo, porque, muitas vezes, a questão não é que não exista, é que nós já decidimos que não existe e, portanto, não nos muda. E esse será o drama enquanto o mundo existir, porque diante do convite de Jesus a Zaqueu: “Desça, vou à tua casa!”, haverá sempre quem se comove e, outros, que ficam criticando porque ele vai à casa de um pecador; um participa da novidade que Ele introduz na história, os outros permanecem no nada. Por isso, Cristo não decide de antemão o drama, mas o aguça, é como gasolina no fogo, que o desperta constantemente. Então, a questão fundamental é não reduzir o drama ao sentimento que pode prevalecer em nós.

Colocação: *Eu, que vi tantas coisas bonitas na vida, agora me sinto perdida. Olho para mim somente como medida, comparo-me com todo mundo, odeio tudo o que em mim não está bem, obrigo-me a fazer coisas que não fazem sentido. O que quer dizer ser amado assim como se é? Como é possível que exista um amor que me ame assim como sou, apesar de eu não fazer as coisas direito? E, por último, por que eu deveria fazer tudo o que faço se, de qualquer forma, no fim, teoricamente não sou julgada a partir disso? É como se eu tentasse repetidamente submergir uma bola que continua sempre voltando à tona, e é como se estivesse sempre à beira de um precipício. O que quer dizer que o essencial é Jesus? Para mim, o essencial é o reconhecimento negativo de mim, das minhas*

capacidades, dos meus êxitos, e penso: talvez, quando eu melhorar nisso, as pessoas gostem mais de mim. Você não faz ideia da força que é necessária para, todos os dias, perceber apenas os próprios defeitos, é a coisa mais cansativa que existe. Viver as coisas assim me faz perder tudo o que existe de bonito. O relacionamento com meu namorado é uma das coisas mais belas que existe, mas estou “matando” até isso. Tudo perde o gosto, porque é esmagado pelas minhas expectativas. Gostaria apenas de viver com simplicidade, olhar para tudo assim, como é e, por fim, ser eu mesma. Às vezes, realmente me falta o ar e já não me lembro o que é a paz verdadeira. Como se faz para viver a tristeza como início, como indicação, e não como um beco vazio?

Carrón: Alguma vez na vida, você viu algo diferente do mero reconhecimento negativo de si?

Colocação: *Sim. Vi mais.*

Carrón: Viu mais. Então, por que você insiste em decidir olhar só para o seu limite? Você está lutando contra moinhos de vento, porque o problema é que, na realidade, como você viu em certos momentos com uma clareza solar, há algo que não se reduz aos seus limites. O erro mais clamoroso não é ter limites – estes, todos temos –, mas, em um certo momento, não ver mais nada além deles. Por quê? Por causa daquilo de que falamos quando demos o exemplo do parque de diversões: a um certo ponto, é como se a presença desaparecesse e aquilo que antes você via como algo atraente – você pode imaginar uma criança no parque de diversões, com todas as atrações, toda entusiasmada pela curiosidade? –, fosse eliminado. A realidade muda de feição, e não conseguimos mais ver além. Mas, para a criança, basta retomar a ligação com seus pais para voltar a ver aquilo que existe. Então, o essencial não é o reconhecimento negativo de si, porque não faz você ser si mesma; o essencial é estar em um lugar onde, apesar de todos os nossos erros, continuam a nos provocar sobre isso. Por que você veio aqui? Veio porque aceitou a provocação dessa palestra, porque na introdução já tínhamos dito, citando o profeta Isaías (49,15): “Sião disse: ‘O Senhor me abandonou’ [...] e Ele aproveita a ocasião para mostrar mais uma vez a Sua diversidade desafiando a nossa razão de um modo desconcertante: ‘Por acaso uma mãe se esquece do seu filho, não se comove uma mulher com o filho de seu ventre? Mesmo que ela se esquecesse, eu não te esquecerei jamais’” (p. 10). A questão é se você está disponível a reconhecer isso, que é aquilo que quer: é possível que exista um amor que me ame assim? Sim, existe! Constantemente temos o testemunho de pessoas que, embora tendo todos os limites (o cansaço, a tristeza, o ressentimento), não depois deles, mas dentro deles, percebem Cristo como uma presença incomparável aos seus erros. Desde que Cristo entrou na história e introduziu a Sua presença... Zaqueu era cheio de erros como você, mas prevaleceu uma Presença diferente. Essa é a novidade cristã. O que isso quer dizer? Que, então, diante de uma coisa assim, você deseja apenas viver “com simplicidade”. Deixe prevalecer essa simplicidade: “Olhar para tudo assim como é e, por fim, ser eu mesma”. Como você consegue fazer isso? Somente aceitando esta Presença. A partir desse momento, você pode começar a viver a tristeza como início.

Colocação: *Mas, como se faz para aceitá-la? Porque, parece que eu olho para os outros, não sei como dizer, olho para eles assim, olho para eles como se não valessem pelos seus erros, de fato, para mim não valem por isso.*

Carrón: Então?

Colocação: *Não consigo olhar para mim assim.*

Carrón: Você não pode dizer que não consegue; você “decide” olhar-se assim.

Colocação: *Porém, a decisão é mais forte do qualquer outra coisa.*

Carrón: Não! Esta é a questão: você não é o êxito dos seus fatores antecedentes. Você tem a razão e a liberdade, e pode usá-las de um modo ou de outro, porque pensar que você seja determinada pelo vai e vem das circunstâncias é uma prisão. “Não consigo”: não! Você decide olhar só para uma coisa; de tudo aquilo que existe – de tudo aquilo que existe! – você decide olhar só para isso. Essa é uma decisão sua.

Colocação: *Mas, então, que sentido tem eu fazer as coisas bem se mesmo que eu erre...*

Carrón: Esqueça, agora, as coisas que você faz bem! A realidade é mais do que aquilo que você faz. Quando você vir esse “mais”, poderá também olhar para as coisas que você faz bem de um modo diferente, porque você não dependerá disso. Gosto muito da imagem dos profetas, uma imagem

belíssima, muito potente evocativamente. Você vê um tronco seco, um enorme tronco seco, e no tronco seco vê um broto. Você pode dizer: “Está quase tudo seco”. No “quase” tem tudo: porque o broto existe. Todo o tronco seco, que é incomparavelmente maior do que o broto, elimina o broto? Não. Então, você pode decidir continuar me dizendo: “Tudo está seco”, mas não pode eliminar o broto dizendo que tudo está seco. Onde está a esperança daquele tronco? No fato de estar todo seco ou no broto?

Colocação: *No broto.*

Carrón: Jesus introduziu este broto na história: enquanto todos se olhavam a partir daquilo que faziam, em um contexto em que os fariseus diziam que a vida valia, como você diz, somente por aquilo que se consegue fazer, apareceu um broto, um Homem que, no meio de todo o resto, olhava de maneira diferente. Ser cristão é dar crédito a isso. Experimente dar crédito a isso, experimente! Porque não é uma explicação que vai lhe convencer. Se você experimentar acolher essa Presença, começará a ver, porque, se Zaqueu tivesse feito como você... “Desce, que vou à tua casa”, “Não, não é possível, não é possível! Diante da lista de limites, de defeitos, de pecados, não é possível que Tu me ames assim, não é possível que exista um amor que me ame assim. Não é possível”. É possível!!! É Alguém que está lhe dizendo. Estou disposto a dar crédito a isso uma vez na vida para ver o que acontece? Essa é a sua oportunidade: decida! Porque essa é a sua grandeza como pessoa, amiga. Nem Jesus pode obrigá-la a aceitá-Lo, ninguém pode obrigá-la a aceitá-Lo. Mas Ele continua dizendo a você: “Mesmo se seu pai e sua mãe a abandonarem, Eu não a abandonarei, nunca!”

Colocação: *Mas, como é possível voltar o olhar para o lado do broto?*

Carrón: É possível porque você é mais – mais! –, você é razão e liberdade e afeição, não é um pedaço do mecanismo da sua prisão; não, você é mais. É essa a modalidade com a qual o Mistério a torna si mesma. Aquilo que você deseja – “por fim, ser eu mesma” – acontece somente se há alguém que lhe diz: “Pare com isso, você não é só isso, você pode sair dessa prisão”. Você pode, depois, decidir não sair, mas garanto que no dia em que você estiver cansada de não sair, poderá reconhecer que é possível. Basta, como você diz, ser simples (que é o que você mais deseja). Peça isso, pelo menos. Porque a provocação que você está fazendo é evidente também em relação a outro ponto, como uma de vocês me escreve: “Assisti à Escola de Comunidade por videoconferência na última quarta-feira. Tudo foi bom, mas essa história de saudade, não! Porque, para mim, não é assim. Não é tão positiva como você diz. Você precisa explicar melhor essa coisa, porque eu percebo que se não vejo meu amigo por dois dias seguidos, se não falo com ele, se não lhe conto as coisas que me acontecem, se não lhe digo como vai a minha vida, fico mal, e ele me faz muita falta. Como fazer? Como essa saudade pode ser positiva? Eu a odeio, me incomoda. Pode explicar isso um pouco melhor? Porém, percebo que tenho exatamente saudade daquilo que tenho com ele, do modo como nos tratamos: como seres humanos. Responda-me, se puder, não me mantenha em suspenso”. Isso me impressiona, porque me vi muitas vezes diante dessa objeção. Recentemente, outra amiga me falava sobre essa saudade: “Fiquei escandalizada por sentir essa saudade, depois de ter encontrado Cristo”. Digo que a primeira questão que devemos entender é que é inútil fazermos Escola de Comunidade se, depois, nos esquecemos de que durante três meses, no capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*, estudamos que a resposta à pergunta “Quem é Jesus?” está – como diz Giussani – em um olhar revelador do humano. Em que se vê quem é Jesus? Que Deus salva todos os fatores do humano. Esse é o sinal da presença do divino naquele homem, Jesus. Mas, para nós, que Jesus desperte o humano, desperte a saudade d’Ele, é sinal não da salvação, não do fato de que Cristo é Deus, mas da condenação. Vocês se dão conta de qual o juízo que temos da saudade?! Jesus, que veio para despertar o humano, nós o percebemos como o contrário daquilo que é, ou seja, como algo que nos escandaliza e que odiamos. Por que acontece isso? Porque partimos de uma imagem e não da experiência. De fato, na carta, quando ela fala da experiência, descreve exatamente isso: que não pode deixar de sentir saudade dele. Mas em nós, na nossa imaginação coletiva, instaurou-se a ideia de que a modalidade da resposta de Cristo deva coincidir com a eliminação do drama humano. Digo-o com uma frase: é como se o casamento fosse a sepultura do amor, e o cristianismo, a sepultura do desejo. “Se Cristo veio para resolver o drama da vida, então, para responder, precisa eliminá-lo”: essa é a

nossa imagem de salvação. Não ter mais saudade, não ter mais o desejo, não ter mais a pergunta. Cristo, nesse caso, é afirmado de um modo que elimina a pergunta, elimina a saudade, elimina o desejo. Vocês não entendem que exatamente por isso muitas pessoas abandonam o cristianismo? Se Cristo não salva o humano, mas o achata, que sentido teria segui-Lo? Esse é o máximo da lógica do nosso modo de pensar! “Não aguento mais a saudade, o desejo, a pergunta”: e dizemos isso como sendo a expressão maior do “nosso cristianismo”! Eu não tenho a ver com o cristianismo “de vocês”! Porque, se Cristo não veio para despertar o homem, nós atribuímos a Ele o que Giussani atribui ao poder: reduz, achata, elimina o desejo. Que interesse teria ser cristão? Nós dizemos isso tranquilamente, ou melhor, o contrário parece um escândalo: “Odeio [essa saudade]”. Ao invés de despertar a pergunta, de despertar o desejo, de despertar todo o humano que há em nós, Cristo teria vindo para achatá-lo inteiramente. Mas que salvação seria essa? Vocês entendem que pessoas que têm vontade de viver fugiriam de uma proposta similar, exatamente para evitar terminar assim? E somos nós que dizemos isso, nós, que pertencemos a um carisma, a um Movimento no qual vimos Giussani gritar exatamente o contrário! Quando digo que perdemos o carisma pela estrada, estou dizendo isso, que passamos uma imagem do cristianismo que não tem a ver com Dom Giussani. E por que isso acontece? Porque nós, ao invés de nos atermos à experiência, identificamos a realidade com a nossa imaginação. Mas a vida é realmente interessante: quando alguém se apaixona (para fazer o exemplo mais evidente), todo o desejo é despertado! Diferente do encefalograma plano! Por isso, somente se a pessoa pertence a um lugar que constantemente desperta o humano, poderá se interessar pelo cristianismo. Porque, no fundo, o que todo mundo deseja é poder se levantar todas as manhãs com o desejo de revê-Lo, de reencontrá-Lo. Por isso, se nós não fazemos uma reflexão sobre a experiência que vivemos, nos expomos dizendo coisas que ao invés de nos abrir o caminho, o fecham (mesmo se pensamos estar dizendo algo maravilhoso). Exatamente porque Cristo está presente e desperta a pergunta, abraça-a. Abraça-a, não a deixa como antes, mas não a achata, para que Ele possa constantemente nos interessar mais.

Colocação: *Gostaria de contar o que está acontecendo com um colega e, através dele, também comigo. Na Introdução dos Exercícios, você nos disse que a questão fundamental é o que é, para nós, o essencial, e o essencial é aquilo que responde à pergunta sobre como se faz para viver: “Como podemos surpreender, sem erro, o que é, para nós, o essencial? O método, sempre nos foi ensinado por Dom Giussani: surpreendendo-nos em ação, na experiência. [...] Então, o que acontece quando alguém se empenha com todos os fatores da vida, com a vida inteira? Que quanto mais a pessoa vive, mais aparece diante dos seus olhos qual é a natureza da sua necessidade” (p. 7). Essa dinâmica que você descreveu me impressionou muito porque é exatamente olhando-nos em ação que descobrimos o que é, para nós, o essencial e, às vezes, acontece que, se a pessoa o vê acontecer em outro, é despertada. Porque, vendo-O em ação em outra pessoa, não pode deixar de dizer: “É Ele”. Na escola onde trabalho, também trabalham alguns professores do Movimento e, depois dos Exercícios, nasceu o desejo de nos encontrarmos para retomar o trabalho das meditações e para compartilhar aquilo que cada um vive com os alunos e com os colegas. Encontramo-nos pela primeira vez na hora do almoço, na cantina da escola e, nessa ocasião, também veio um colega que não é do Movimento, mas é nosso amigo. Fui sem muita vontade, sem nenhuma intenção de participar do grupo de CL da escola. Almoçamos, cada um disse por que aquele momento podia ser interessante e, depois, retomamos a Introdução dos Exercícios. Voltei para casa pouco convencida da utilidade daquele momento. Depois de uma semana, encontramos-nos novamente e, de novo, eu fui com uma certa resistência. A um certo ponto, porém, esse meu colega tomou a palavra e começou a contar que durante o fim de semana tinha estado na escola para se encontrar com os responsáveis do nosso instituto, que é um instituto católico, e, estando com eles, sentiu-se entristecido e irritado porque aqueles de quem esperava o essencial estavam, em vez disso, preocupados unicamente com uma organização, quer dizer, com que tudo funcionasse bem. Mas o que o surpreendeu mais foi que, quanto mais estava com eles, mais tinha saudade do almoço conosco na semana anterior!*

Carrón: Entenderam? Quanto mais ficava com os outros, mais sentia saudade do almoço da semana

anterior.

Colocação: Depois, a discussão continuou. Porém, eu continuava pensando nessa saudade. Então, parei, e perguntei a ele: “Desculpa, mas saudade do quê? Do que você sente falta daquele almoço?”. E ele me disse: “Estou me dando conta de que não posso mais prescindir de certos relacionamentos e de certos juízos ou maneiras de enfrentar as situações que alguns de vocês têm”, e disse também que está nascendo nele um modo novo e único de ver as coisas e uma nova letícia. Diante disso, fiquei desfeita, acabou minha resistência e despertou em mim uma afeição por aquele lugar e por Aquele que pode suscitar essa saudade e gerar um modo novo e único de ver tudo e dar letícia ao coração. Que beleza e que respiro poder saborear as coisas desse modo! E obrigada porque, seguindo você durante o caminho, estes momentos são cada vez mais.

Carrón: Obrigado. Aquele colega é o último que chegou. Mas como é possível ser despertada no último que chega, através do encontro com Cristo, toda a saudade e, para nós, ao contrário, o Movimento ser a sepultura da saudade, a ponto de a odiarmos? O que o último que chega nos diz sobre este lugar? Que, num determinado momento – não sei o que acontece no nosso cérebro – acabamos dizendo o contrário daquilo que o último que chegou nos testemunha, como diz Dom Giussani: os últimos nos dão novamente aquilo que nós temos, mas do qual perdemos a consciência. Então, ele não pode prescindir de certos juízos, de certos relacionamentos, do modo de enfrentar certas situações, descobrindo um modo novo e único de ver as coisas, que gera nele uma letícia. Isso é o que nos é dado pelo Mistério para responder à necessidade que temos, porque desfaz em você a resistência e desperta a afeição pelo lugar onde isso acontece.

Colocação: Cheguei aos Exercícios com a pergunta: por que estou aqui, por que estou no mundo? Na semana anterior aos Exercícios, de fato, de domingo a sexta, estava agressiva com minha família, o que me levou a me perguntar se aquilo que faço por minha família serve para alguma coisa, porque me parecia que não era útil. Eu dou tudo para minha família, é o caminho que escolhi e é a minha vocação, mas, como entenderia durante os Exercícios – porque Dom Giussani o descreve detalhadamente –, na correria dos afazeres, perdi a origem da minha vocação, que é o fato de que Alguém me chamou e me chama, me deu e me dá também meu marido e meus filhos para que eu chegue a conhecê-Lo. Porém, se não redescubro isso em cada gesto que eu faço, eu o perco. Portanto, cheguei aos Exercícios com essa ferida aberta e com esta pergunta: por que estou no mundo? Há alguém que quer alguma coisa de mim? Essa pergunta, por causa do modo como se desenvolveram os Exercícios e por causa de algumas coisas que me aconteceram ali, transformou-se em uma solicitação diferente, que é difícil dizer com palavras: um pedido de continuar ouvindo a Sua voz e de dar-me conta, em todo instante, da Sua presença. É um pedido que me acompanha sempre, tanto que me dei conta de que é a primeira companhia que o Senhor me faz, porque eu não sou capaz de pedir desse modo. Então, todas as manhãs, também peço que perdure em mim esse pedido. Procuro ir à missa todas as manhãs, e essa é uma coisa que, quando penso, me faz sorrir, porque o Senhor está brincando um pouco comigo. Em fevereiro, na missa em memória de Giussani, quando o Arcebispo Scola nos convidou a irmos à missa todos os dias, pensei que não era uma coisa para mim. Porém, agora, tenho necessidade de ir à missa porque é o lugar onde mais consigo colocar o meu pedido em toda a sua profundidade. Quando me levanto de manhã, tudo me predispõe para que vá à missa. Esse pedido me acompanha também nos pequenos desafios cotidianos. Dou-me conta de que, por causa do desejo de que Jesus me faça companhia, estou mais paciente, no sentido de que muitas vezes espero um pouco antes de intervir, esperando que um detalhe torne mais claro o que devo fazer. Às vezes, também acontece de ouvir discursos absurdos; no passado, sempre ficava quieta, agora, ao contrário, procuro intervir, tentando dizer alguma coisa mais verdadeira. Também aconteceram alguns desafios mais exigentes, e conto um deles. Uma noite, meu filho disse a mim e a meu marido que queria fazer uma coisa que nos preocupa muito. Um tempo atrás, eu teria ficado irritada imediatamente e o teria agredido com palavras. Porém, fiquei calma e escutei todas as suas razões e sua explicações, como nunca tinha feito antes. Queria levar a sério o seu desejo, que é também o meu, porque eu também tenho desejos reduzidos e queria ir a fundo para encontrar aquilo de que

realmente precisamos. Então, falei a ele um pouco sobre mim, dizendo-lhe coisas que nunca tinha dito. Depois, fiz-lhe algumas perguntas para que nós dois entendêssemos melhor o que estava por trás daquele desejo que ele exprimia, de modo a buscar a verdadeira satisfação. Isso me permitiu fazer aquilo que Dom Giussani sugere para enfrentar os problemas da vida: não aprofundar diretamente o problema, mas aprofundar a natureza do sujeito que o enfrenta. Não é que enquanto eu falava com meu filho tivesse em mente as palavras dos Exercícios, que eu tinha lido muitas vezes, mas, depois, quando as reli, entendi que tinha me acontecido isso. De qualquer forma, meu filho ficou tão impressionado que repensou sobre a questão. Depois de alguns dias, quis falar conosco novamente e mudou totalmente a sua perspectiva, decidindo experimentar fazer aquilo que seu pai e eu tínhamos proposto a ele. O que me interessa deste fato não é tanto o êxito final, que poderia até não ter acontecido e que, entre outras coisas, é fruto do relacionamento dele com o Mistério, de diálogos que teve, de encontros que fez. Não é o êxito que me interessa em primeiro lugar, mas que a presença do Senhor seja tão real que suscite em mim uma pergunta potente. E, depois, a outra coisa: o que descobri é um caminho, é um método.

Carrón: Obrigado. Este “é um caminho, é um método”. Muitas vezes, nós reduzimos tudo à correria dos afazeres, também na família, e isso tem precedência sobre o fato de termos sido chamados. E, então, a pessoa vai aos Exercícios desejando continuar ouvindo a Sua voz, ouvir de novo o Seu chamado, dar-se conta da Sua presença. E se dá conta de que isso suscita nela uma tal profundidade da sua necessidade, da sua natureza que, quando precisa enfrentar o problema do filho, é capaz de falar com ele de um modo diferente e diz uma coisa que me parece fundamental como método para trabalhar sobre os Exercícios, como para qualquer outra coisa: “Não é que enquanto falava com meu filho tivesse em mente as palavras dos Exercícios”. Ela não trata essas palavras como uma citação, as carrega como experiência e, portanto, pode falar a partir do seu eu suscitado pela presença de Cristo. Primeiro, acontece uma conquista na experiência e somente depois se entende a definição, o alcance da definição. Então, o que me interessa é que a Sua presença é tão real a ponto de suscitar em mim uma pergunta que me permite enfrentar tudo, até o problema dos filhos, de um modo diferente. O cristianismo é isto: uma Presença que suscita uma pergunta. Quanto mais os discípulos andavam com Ele e O viam agir, tanto mais se perguntavam: “Quem é este?” (Se, ao contrário, o cristianismo é uma resposta que elimina a pergunta, que a anula, que interesse tem?). Somente um método assim nos faz percorrer um caminho, o caminho que Jesus introduziu fazendo-se carne e tornando-se uma presença tão real a ponto de maravilhar a todos, despertando a pergunta, o desejo e a saudade. Assim, entende-se melhor a pergunta que outra pessoa coloca: “Como permanecer focado sobre o verdadeiro essencial? Porque eu acredito que essa minha alternância de “essenciais” esteja ligada ao pouco trabalho que faço sobre mim, a não ter o hábito de julgar. O trabalho sobre a meditação do sábado de manhã me ajudou muito, porque me fez perguntar mais vezes durante o dia: onde estão aqueles olhos que eliminam o inferno? O que me faz renascer quando estou por terra? O que aconteceu hoje que me deixou feliz? E por que me deixou feliz? No fundo, do que eu realmente preciso? Esse trabalho, esse olhar continuamente para mim, fazendo perguntas desse tipo e fazendo-as também aos meus amigos, está fazendo com que eu me agarre mais ao verdadeiro essencial. Por isso, parece-me fundamental gastar tempo nesse trabalho sobre mim, mas gostaria de saber o que você diz sobre isso”. Como podemos permanecer focados no verdadeiro essencial? Participando de um lugar onde acontece constantemente a consciência do essencial. E, nisso, os gestos são decisivos, porque a nossa companhia, o lugar geométrico – como o descreve Giussani – onde Cristo acontece, é constantemente cheio de gestos, como o da Coleta de Alimentos.

Colocação: *“É uma coisa boa responder às necessidades das pessoas, mas não estamos aqui para isso”. Essa frase da última Escola de Comunidade ecoava muito na minha cabeça quando comecei o gesto da Coleta de Alimentos [ocorrida no sábado, dia 14 de junho, na Itália], porque a Coleta, evidentemente, nasce como resposta a uma necessidade, pela qual fui obrigada a me perguntar: por que estou aqui, se não for para responder à necessidade de todos esses desconhecidos que têm fome? Então, o que pode fazer com que eu faça este esforço no sábado de manhã, levantando muito cedo e*

ficando no supermercado das 8h às 15h, sabendo que na segunda-feira teria um exame muito importante e não estava estudando. E, sobretudo, o que permite fazer tudo isso com alegria? Porque experimentava uma letícia que não era minha, apesar de terem acontecido muitas coisas, também inconvenientes, coisas que não funcionavam, etc. Quando voltei para casa, à tarde, li o texto dos Exercícios: “Nós estamos no mundo para gritar a todos os homens: ‘Veja, que está entre nós uma presença estranha; [...] há um homem [entre nós] que é Deus. A felicidade da humanidade, a alegria da humanidade, a realização dos desejos todos da humanidade é Ele que o leva a cumprimento” (p. 35). Essa era a razão pela qual valia a pena fazer todo aquele esforço, porque eu vi que a minha vida é plena, e é plena porque Alguém a preenche, e a preenche de tal forma que é natural retribuir, e retribuo da forma que as circunstâncias ditam, por isso há a Coleta de Alimentos, retribuo ali. E fiquei todas aquelas horas ali, trabalhando, para afirmar Quem preenche a minha vida, e para dizê-lo antes de mais nada a mim, porque fazer aquele gesto lembrava isso a mim e, depois, a todos os outros e, pelo fato de carregar essa perspectiva, a necessidade de todos aqueles desconhecidos tornava-se próxima a mim, e eu podia tentar responder àquela necessidade com a minha pequena tentativa. Porque é através dessa pequena tentativa que pode passar Aquele que responde, que responde através desse gesto, assim como através do estudo, ao qual voltei no sábado à tarde.

Carrón: Obrigado. Como podemos permanecer focados no verdadeiro essencial? Ela, respondendo ao convite da Coleta, facilitou novamente o reconhecimento do essencial, porque os gestos aos quais o Movimento nos chama são a modalidade que o Mistério pode usar para dobrar-se sobre o nosso nada e nos tornar conscientes do que é o essencial. O verão está cheio desses gestos: das férias aos momentos em que podemos ficar juntos, ao Meeting de Rímini (nas diversas formas de colaboração), são todas ocasiões para sermos salvos do nada, através das quais nós podemos reconhecer por que essa Presença é essencial para viver. Tudo está diante de nós como modalidade com a qual o Mistério continua a ter piedade do nosso nada. A nós, cabe responder: ou seguimos a nossa fantasia, ou seguimos a modalidade com a qual o Mistério nos chama, através dos gestos que são propostos. E cada um, no fim do verão, poderá verificar o que aconteceu.

AVISOS

Livros e textos para o verão [europeu]

- *Vita di don Giussani* é o livro que propomos para todo o ano. Pelo alcance que tem, o verão é uma ocasião estupenda para vivê-lo, para continuar a lê-lo.
- Propomos também a Página Um de *Tracce*: “**Europa 2014. É possível um novo início?**” [disponível no site de *Passos*], porque não se trata apenas de um texto sobre a Europa e as eleições europeias, mas trata-se fundamentalmente de uma ajuda para entendermos os termos do contexto histórico em que vivemos e como podemos, hoje, ser cristãos dentro desse contexto. Por isso, trabalhar sobre esse texto me parece crucial. Assim, o repropomos, para que possamos nos ajudar a lê-lo juntos e aprofundá-lo cada vez mais. Se existirem perguntas, podem me enviar porque, assim, continuaremos trabalhando sobre esse texto.
- *Coros de “A Rocha”*, de T. S. Eliot.
- *É meia-noite dr. Schweitzer*, de G. Cesbron
- *La gloriosa follia. Um romanzo del tempo di San Paolo*, de L. De Wohl.
- *Il Movimento Comunione e Liberazione (1954-1986). Conversazione con Robi Ronza*, a nova edição da BUR, Rizzoli. É uma nova edição, porque o livro está esgotado há tempos.

Como continua o trabalho de Escola de Comunidade durante o verão?

Até as férias comunitárias continuaremos trabalhando sobre a primeira meditação junto com a primeira resposta da Assembleia dos Exercícios da Fraternidade e sobre o texto “**Europa 2014. É possível um novo início?**”.

Do final das férias comunitárias até a Jornada de Início de Ano, continuaremos o trabalho sobre os Exercícios da Fraternidade, retomando a Segunda Meditação e a Assembleia. Depois, iremos em

frente, trabalhando sobre o texto da Jornada de Início de Ano.

As férias comunitárias terão com tema, como sugestão de continuidade do trabalho que estamos fazendo sobre os Exercícios: “O que estais procurando?”. Na escolha do título, tentamos buscar uma modalidade, uma pergunta que nos impeça de partir das definições ou de dizer as nossas opiniões: realmente não nos interessam porque aquilo que interessa é, como dizíamos, nos descobrirmos em ação para vermos o que buscamos, para vermos onde está o essencial para nós. Por isso, não é com uma definição que é possível responder a essa pergunta, mas com uma comparação, com uma observação, com uma surpresa do que realmente buscamos. À pergunta “O que estais procurando?”, acrescentamos um trecho dos Exercícios que fala exatamente disso, da distinção entre a intenção de que Cristo seja o essencial e a surpresa de que, muitas vezes, na experiência, não é bem assim. “O critério para descobri-lo nos é dado pelo Santo Evangelho: ‘Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração’. Abre-se aqui a distância entre a intenção de que Cristo seja o essencial da vida e a surpresa de que muitas vezes, na experiência, não é bem assim. Aqui emerge a diferença entre intenção e experiência. Podemos descobrir, então, que, mesmo em boa fé, o essencial se tornou outra coisa e não é mais Cristo; e tendemos para outra coisa, talvez até em nome daquele essencial que continua, de qualquer modo, a ser citado em nossos discursos” (p. 8). Então, o que procuramos? É uma tentativa de nos ajudarmos a fazer esse caminho para que o conteúdo da autoconsciência com a qual vivemos seja, cada vez mais, Cristo.

O título do Meeting deste ano é “**Rumo às periferias do mundo e da existência**”. Um título, como vocês sabem, muito ligado à insistência do Papa, que nos envia às periferias do mundo para que todas as periferias possam ser alcançadas pelo anúncio cristão e pela misericórdia de Cristo. Por quê? A segunda parte do título do Meeting responde: “**O destino não deixou o homem sozinho**”. No Meeting de Rímíni, nós queremos gritar isso a todos.

A Jornada de Início de Ano acontecerá no sábado, dia 27 de setembro, em Milão, com transmissão para diversas cidades da Itália.

Veni Sancte Spiritus

Bom verão a todos.